

A ETERNIDADE E UM DIA

SOBRE O AMOR QUE SE VIVE E APRENDE

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

A força do amor é igual à força da alma ou da verdade.

Mahatma Gandhi¹

Um homem que vai morrer e um menino

O filme ***A eternidade e um dia*** (*mia aiomitita ke mia mera*) do cineasta grego Theo Angelopoulos, começa com um diálogo entre um escritor conhecido e a sua criada. Ele se despede dela e agradece a ela. Diz que está indo para um hospital e que vai morrer e que aquele será o seu último dia de vida. E ele sai pela porta da casa levando pela coleira o seu cachorro. Ele passa pela casa da filha e trava com ela um breve diálogo. Diz apenas que vai viajar por algum tempo. Não conta que vai morrer e pede à filha que fique com o cachorro. Depois dá a ela um pequeno maço de cartas. “São de sua mãe”, ele fala. E ela abre começa a ler uma delas. Aos poucos a voz da filha e a da mãe, falecida, se misturam. Como ele não insiste com a filha e com o marido que a seguir aparece em cena, a ficarem com o cachorro, ele se despede e vai embora com ele.

Numa cena seguinte ele está em seu carro, a caminho do hospital, supõe-se. Em um cruzamento de ruas o sinal vermelho para os carros na direção em que ele está. Um grupo de “meninos de rua” (eles serão chamados assim ao longo do filme) corre para limpar os vidros dos carros parados. Eles são migrantes albaneses clandestinos na Grécia. Logo a seguir o escritor estaciona por um momento o seu carro e um menino, menor do que todos os outros, corre para limpar o vidro da frente. Mal ele começa e se vê uma trinca de homens vestidos de preto correndo para pegar os meninos no cruzamento. O menino pequeno se assusta, pois tudo indica que ele será preso também. Num repente o escritor abre a porta do carro, manda que o menino entre e sai dali às pressas. Ele não sabia o que fazer com o cachorro e agora não sabe o que fazer com o menino.

Um tanto adiante, enquanto ele vai a uma loja, o menino sai o carro. Quando ele retorna vê o menino sendo enfiado à força em um carro onde estão já outros. Ele segue com o seu o carro. Chega a um prédio em ruínas e, misturado a alguns casais, descobre que aquele é um lugar onde pessoas escolhem e compram meninos (não há meninas). Para os adotar? Para o quê? Ele tenta sair furtivamente com o menino e quando é descoberto pelos três homens de negro, não tem outro recurso a não ser enfiar as mãos nos bolsos e dar todas as notas que tem a um dos homens. E de novo ele está no carro com o cachorro e o menino. O cachorro ele consegue afinal deixar com a criada, que ele reencontra em pleno casamento do filho (dela) em um lugar ao ar livre.

¹ Conforme pode ser lido na página 110 de ***The Gandhi reader***, editado no distante 1956 pela Indiana University Press.

E, entre memórias e o presente, entre a vida de agora e algumas cenas da vida vivida, quase todo o filme a história triste de um homem que vai morrer e dedica o seu último dia a um menino que ele não conhece, cujo nome não sabe e cuja história a criança gagueja aos fragmentos. Ele se dá ao menino albanês e o serve com uma estranha ternura desconsolada. O correr do filme sugere que ele nada espera do que faz, nem do menino e nem de outros. Não há momento algum em que ele reconheça creditar o seu gesto de entrega a um Deus (nomes e gestos sagrados não existem no filme) que levará em conta os seus últimos atos, em favor de sua alma.

Envolvido em memórias que a contínua misteriosa leitura da carta da esposa morta vão trazendo a ele, tudo o que o escritor parece desejar é deixar-se envolver pela lembrança de tempos que foram felizes, ante de partir dos cenários gregos onde os viveu. Mas súbito um menino desconhecido aparece e a sua imagem, um corpo franzino (ele veste o filme todo um casaca meio amarelo), um rosto, se impõem a ele, o escritor que irá morrer amanhã. Ele poderia fazer como os outros donos de carros na rua e de uma esperada ainda longa vida. Poderia arrancar com o carro e ir em frente, sem culpa alguma. Sem lembranças. Mas o homem olha pelo vidro e não vê uma múltipla indesejada imagem qualquer: um mesmo. Um outro múltiplo menino-de-rua como tantos. Ele vê um rosto que o olha. E o filme dá desta cena uma breve bela imagem. E ele abre a porta do carro não a um alguém qualquer em perigo, mas a um rosto que se dá a ver e desde então comanda no escritor os seus gestos. E ele abre a porta do carro porque de subido abriu antes a do coração.

Tanto que quando já no fim do filme e no fim do dia que se abre à noite os dois se despedem, é o escritor que abraça o menino e pede a ele e suplica à criança que por um pouco mais fique com ele.

Há muitas imagens em meio às cenas vividas entre o homem que vai morrer e o menino que vai embora (pois ele será deportado de novo para a Albânia). Os momentos mais tocantes de cenas tão humanas são aquelas em que quase nada acontece: um olhar entre rostos, algumas palavras que o menino, antes mudo, afinal começa a dizer, gestos de efêmera alegria (como na viagem do ônibus) e de pesar e desamparo. E, entre todas, as furtivas trocas de olhares entre rostos que ao se encontrarem podem viver, afinal, no desespero do escritor e da criança, a experiência do amor. E será que depois que se despediram sabiam o nome do outro? Perguntado por um alguém no filme, pela filha, por exemplo, sobre se ele, o escritor, ama o menino, ele provavelmente responderia: *não sei; acho que não; afinal, eu nem conheço ele*. Ainda bem que ninguém perguntou. Perguntado sobre porque então ele fez “aquilo tudo” ele talvez respondesse: *não sei, não pensei; ele olhou para mim; eu vi o seu rosto e me tornei responsável por ele*.

Quando você quiser conhecer a fundo algo a respeito de alguma coisa, não comece por quem fala a seu respeito com ares de absolutas certezas. Pode ser que ele não saiba do que fala, de tão certo que está. Comece por estranhar, por ser quem generosamente desconfia e, portanto, tem perguntas difíceis, mais do que as respostas fáceis. Ou comece por quem diz a seu respeito algo inesperado. Alguma coisa pareça mesmo ser o seu avesso, ou o seu ponto mais extremo.

Quando Júlia Kristeva inicia em seu livro: ***Histórias de Amor***, o capítulo depois da *introdução*, ele tem este título: *elogio do amor*. E é bem isto o que Julia quer fazer. Ora, ao ousar começar o capítulo de uma maneira bastante pessoal e bem confessante, ela revela os limites diante dos quais se encontra. Pois querendo falar a respeito do amor como uma psicanalista, ela descobre que a fala que pode dizer alguma coisa de amor, ou sobre o amor, é a da arte. É a linguagem da literatura. Eis o que ela diz:

Até onde me lembre meus amores, me é impossível falar deles. Essa exaltação para além do erotismo é felicidade exorbitante, tanto quanto puro sofrimento: ambos põem em paixão as palavras. Impossível, inadequada, imediatamente alusiva quando a queríamos mais direta, a linguagem amorosa é vôo de metáforas, é literatura².

Observemos que Julia Kristeva não fala de um conceito, de uma palavra, de uma idéia: “o amor”. Fala de si mesma, de suas experiências. Plurais, como ela própria lembra por escrito: “meus amores”. Pois então nem mesmo a respeito deles é possível dizer algo objetivo, ao gosto da ciência, de sua ciência, a psicanálise. Assim, ao longo de todo livro Julia Kristeva estará associando textos de literatura, entre mitos, romances e dramas de teatro, às suas próprias memórias de mulher amante e de psicanalista, para desvelar as diferentes faces de que o amor se reveste para existir nas pessoas, entre elas e através delas.

“O amor se diz?” Perguntarão com Julia outros autores de livros que nos esperam adiante. Algo pode ser dito a ele, dele, a seu respeito? Disso, deste sentimento sobre o qual se fala tanto, algo pode de fato ser dito? Como os escritos deste livro são sobre preceitos concretos de uma ética da relação com o outro, e sobre a educação desta possível prática de vida, outras perguntas feitas entre nós, leitor e leitora amigos, sucedem a de nossos escritores. Vejamos: o amor se ensina? Aprende-se o amor? Aprende-se a amar? E eu imagino que alguém

² Júlia Kristeva é uma psicanalista e docente de Letras Modernas na Universidade de Paris, por onde se doutorou. Vive na França desde 1960. Fora ***História de Amor***, publicado pela Paz e Terra em 1988, ela possui outros livros em Português. Todos merecem ser lidos. A citação é da página 21.

poderia até mesmo perguntar: E se algo como o amor não pode ser ensinado, para o que serve aprender qualquer outra coisa?

É outro o espanto de Roland Barthes, semiólogo e estudioso de literaturas, como Júlia Kristeva, mas não um psicanalista. Creio que várias pessoas que agora me lêem conhecem um dos seus livros mais reeditados, e em vários idiomas: ***Fragmentos de um discurso amoroso***. Pois antes do capítulo introdutório que recebeu o nome: *como é feito este livro*, Barthes avisa em uma quase ementa de protesto que ele o escreveu porque há faltas e excessos terríveis sobre o tema. Fala-se demais sobre o amor. Fala-se de tudo e pretende-se falar tudo a seu respeito. E com isto exila-se o sentido do sentimento do amor de seu significado mais misterioso, e mais fugidio do poder das palavras.

Ele – o amor - é falado demais porque é vivido e “sustentado” (a palavra é de Barthes) de menos. A tal ponto que a vivência não do discurso *sobre*, mas do dizer o amor, proclamá-lo ali no seu estado de absoluto sentimento, tornou-se uma espécie de fala perdida, esquecida, solitária. Um sentimento de uma compreensão quase banida de todo o sentido com o qual seria possível sonhar o estabelecer uma comunicação genuína e de fato amorosa entre as pessoas. Eis como ele diz isto:

*A necessidade deste livro se apóia na seguinte consideração: o discurso amoroso é hoje em dia de uma extrema solidão. Este discurso talvez seja falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém; foi completamente abandonado pelas linguagens circunvizinhas: ou ignorado, depreciado, ironizado por elas, excluído não somente do poder, mas também dos mecanismos (ciências, conhecimentos, artes). Quando um discurso é desta maneira levado por sua própria força à deriva do inatural, banido de todo espírito gregário, só he resta ser o lugar, por mais exíguo que seja, de uma afirmação. Esta afirmação é em suma o assunto do livro que começa.*³

O protesto de Roland Barthes é bem justificado. Não é mesmo? Em tempos em que a morte múltipla da pessoa humana, do sujeito da história e da própria história é proclamada entre o saber de alguma ciência e o interesse da empresa, há lugar ainda para o amor? Quando se anuncia que talvez não haja mais lugar no mundo para existência pessoa e interativa de pessoas reais para viverem entre elas a realidade de qualquer coisa humanamente genuína, quem

³ A citação está em uma página não numerada, duas páginas antes da página 1, da 7ª edição do **fragmento de um discurso amoroso**, publicado pela Editora Francisco Alves, do Rio de Janeiro, em 1988. Parênteses e grifos são de Roland Barthes.

sobra para viver o amor? Quem ainda vive o amor? Haverá ainda um lugar real para se dizer com palavras o seu gesto misterioso e único? Para se dizer com gestos de vida o raro sentido desta palavra solitária e aos poucos tão exilada de nós? Dizer o amor e, não tanto, por-se a falar sobre o amor. Ou falar sobre ele, e não a respeito dos afetos fáceis que ao transferi-lo de seu rosto às suas máscaras, acabam traindo o sentido do amor, em tempos em que o uso fácil desta difícil palavra serve para dar nomes e qualificar quase tudo. Pois, bem sabemos, com os mesmos tons da voz ao dizer o amor, afinal se “ama” tanto um deus quanto um ídolo, tanto uma filha quanto um filme e tanto uma nova teoria pedagógica quanto Paris na primavera, uma nova cor de roupas da moda, um cachorro poodle, uma causa social ou um dos sanduíches da Mcdonalds.

Ora, para seguirmos por um momento ainda no terreno da literatura, uma das primeiras lembranças que agora me chegam não é a dos poemas mais comuns sobre o tema do amor. Poemas dos livros em que, apaixonado, o poeta se derrama em um excesso de palavras ardentes sobre o seu amor devotado, tanto quando os poemas, a uma feliz pessoa amada, como no maravilhoso **Cem sonetos de amor** de Pablo Neruda⁴. Minha lembrança aqui é outra. É a da poesia que desconfia, com bons motivos, dos riscos do sentido sobre sentimentos, quando se fala sobre um amor com palavras, quando melhor seria dizê-lo através da metáfora do silêncio dos gestos que o sustentam. Não é mesmo, Roland Barthes? Um amor que se cala de dizer-se ao outro, porque nos pequenos gestos em que ele é vivido, todo o amor está. Como não lembrar então o poema tão conhecido de Adélia Prado e que se chama: *ensinamento*. Creio que me lembrei dele também porque ele começa falando do saber do estudo, antes de falar e silenciar sobre o amor.

*Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, meu pai fazendo serão,
ela falou comigo:
'Coitado, até essa hora no serviço pesado'.
Arrumou pão e café. Deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.⁵*

⁴ Há uma primorosa tradução e Carlos Nejar publicado pela L&MP, de Porto Alegre. Tenho comigo a 6ª edição do inverno de 1979.

⁵ Está na página 118 da *poesia reunida*, da Editora Siciliano, de São Paulo, em 1999. Faz parte de *a sarça ardente I*.

Assim, entre o exagero das falas e a ausência dos sentidos e dos sentimentos, parecemos não saber mais o que dizer *do*, ou o que fazer *com* o amor, nem entre amantes, nem entre cientistas, nem entre educadores e, quem sabe? Nem mesmo entre poetas. Mas este deverá ser apenas um dos motivos pelos quais a idéia central deste livro é esta: se o afeto do amor que se vive, também se aprende a viver, um dos seus lugares é a educação que se comparte na escola. Se isto é verdadeiro, lá na escola e por toda a parte, a sua melhor docência é a do diálogo. Um abrir-me ao ser, ao viver, aos sentimentos, às palavras e idéias do outro-diante-de-mim, e conviver com ele um momento de partilha gratuita e generosa da experiência de criar saberes. Isto é, de aprender. O acontecimento pedagógico essencial e radical a ser vivido entre pessoas e seus afetos, gestos e saberes. Radical mesmo – e sem temores diante desta palavra - se tomarmos esta metáfora guerreira no sentido de algo situado na raiz e apontado na direção das asas.

Vindos da crítica literária e da poesia em direção a um amor dito por cientistas quero convidar quem me tenha acompanhado até aqui a nada menos do que a algumas leituras tiradas de escritos sagrados e de espiritualidade religiosa. Podemos começar por algumas passagens bem conhecidas de evangelhos do Novo Testamento. Ao contrário dos espantos contrariado de Júlia Kristeva e de Roland Barthes, nos escritos que nos esperam a palavra *amor* será falada com um direta e imperiosa inocência. Ali se fala de um amor radical. De sua fecunda árvore de vida ainda no estado original e fundador da raiz. Ao chegarmos aos fragmentos dos pensadores e cientistas, espero que entre textos afinal de naturezas tão diversas, como a poesia, a escritura sagrada e o escrito da ciência haja mais convergência do que oposições e dessemelhanças.

Se dermos primeiro um longo e, depois, um pequeno salto entre tempos e páginas, veremos que nos dois testamentos da Bíblia o “mandamento do amor” passa por transformações bem profundas. No Gênesis o amor um mandato sem tréguas e sem réplicas. Ele é ordenado como um dever absoluto do ser humano para com o seu Deus Criador. E um segundo momento de um amor inquestionável e obrigatório a ser vivido entre as pessoas criadas por Deus, deriva do amor primeiro dirigido a Deus. Nos dois instante de sua ordem, ele é um mandato, um mandamento feito para ser decorado, posto no coração e seguido sem descanso e sem dúvidas. Na síntese conhecida a ordem do amor é dita assim: *amarás o Senhor Teu Deus com todas as tuas forças ... e amarás ao teu próximo como a ti a mesmo.*

Ora, no Evangelho de João, antes de deixar os seus seguidores, Jesus lhes deixa um novo mandamento. E ele não é apenas novo. De algum modo ele é uma quase inversão do primeiro. Pois agora não é a um Deus distante que o amor humano é devido, como um mandato. Agora ele é para ser vivido entre os homens. E antes de se decretado, ele foi dado, foi doado, foi exemplarmente

ensinado através do exemplo de um homem que se apresenta como um enviado de Deus, como uma das três pessoas da divindade. É fazendo como foi feito e aprendido que o amor deve ser vivido e compartilhado entre as pessoas. As pessoas convocadas a um amor pleno foram antes amadas assim. Quem ordena o amor primeiro ensinou a amar. Ensinou discípulos – aqueles que aprendem de um mestre - a saírem de si mesmos e a se devotarem uns aos outros. Vejamos a letra da passagem completa, pois a palavra *amor* e seus verbos aparecerão várias vezes, entretecendo afetos em diferentes direções.

Assim como meu Pai me amou, eu também amei vocês: permaneçam no meu amor. Se vocês obedecem aos meus mandamentos permanecerão no meu amor, assim como obedeci aos mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor. Eu disse isso a vocês para que minha alegria esteja com vocês, e a alegria de vocês seja completa.

O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês⁶.

Nisso estamos. Um amor vivido entre Pai e Filho, pessoas de um ser proclamado como divino, é o mesmo que deve ser também partilhado entre as pessoas humanas. Mas o amor não é um sentimento interior de umas pelas outras e de todos por um deus. Ele é e está em ações de observância a mandamentos que, em síntese, são práticas de renúncia de si e de salvaguarda do outro. É com ações do dom do bem entre as pessoas e é com a clara renúncia a ações que, tomadas em proveito próprio representam uma forma de mal a um outro, que o amor deve ser vivido. Assim ele foi ensinado não apenas com palavras, mas com o valor do saber dos gestos exercidos em nome da pessoa do outro. Não se ama para obedecer a um princípio. Ama-se para tornar ativo e vivenciado o bem com que as pessoas devem ser no mundo e viver entre as outras. .

Mas tudo isto ainda é muito pouco. Em outras passagens dos evangelhos o ensinamento de Jesus parece quase contradizer esta ordem fácil e amorosa escrita por João. Ora, que sentido há em uma pequena comunidade de seguidores de uma pessoa exemplar viver do exercício do amor entre os seus? Qual a vantagem de virtude em amar os que me amam? Qual o valor do amor se ele for praticado para que fazendo aos outros o bem que eu gostaria que fosse feito a mim mesmo, eu receba deles amor em troca de amor? Este amor fácil e quase inevitável, Jesus irá dizer, até os pecadores praticam entre eles.

⁶ .Está em João, 15 – 9 a 13. Na página 1377 da **Bíblia Sagrada – edição pastoral**, editada pela Paulinas, de São Paulo. Tenho comigo a 28ª edição datada de 1998.

Então ele proclama um dever diante do outro que vai às raízes do amor de uma forma absoluta e quase intolerável. Quem esteve? Quem está pronto para este amor? E, no entanto, “este” é o amor, frente ao “ama ao teu próximo como a Ti mesmo” e, mais ainda: “faz ao teu próximo o que gostarias que fosse feito a ti mesmo”. E então, bem mais do que em João, Jesus volta a dizer o amor como num mandato, como um primeiro dever diante de todos os outros. Vejamos:

Mas eu digo a vocês que me escutam: amem os seus inimigos, e façam o bem aos que odeiam vocês. Desejem o bem aos que os amaldiçoam, e rezem por aqueles que caluniam vocês. Se alguém lhe dá um tapa numa face, ofereça também a outra; se alguém lhe toma o manto, deixe que leve também a túnica. Dê a quem lhe pede e se alguém tira o que é de você, não peça que devolva. O que vocês desejam que os outros lhes façam, também vocês devem fazer a eles. Se vocês amam somente aqueles que os amam, que gratuidade é essa? Até mesmo os pecadores são assim. E se vocês emprestam somente para aqueles de quem esperam receber, que gratuidade é essa? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem a mesma quantia. Ao contrário, amem os inimigos, façam o bem e emprestem, sem esperar coisa alguma em troca⁷.

Duro, não? Tal como está também em outras passagens dos quatro evangelhos, o amor é para ser partilhado e vivido entre todas as pessoas e, no limite, também entre inimigos. Parece uma loucura ou uma contradição lógica elementar, mas Jesus diz com clareza que o sentimento dirigido a quem desejo odiar, porque ele me odeia e é o meu inimigo, é o amor. E isto por uma razão além de qualquer lógica instrumental, aquela em que eu faço um bem na espera de um outro, maior e melhor, se possível. E qual é esta razão radical? É o princípio de que o amor é a emoção criadora de gestos e de atos humanos a ser tomado como o fundador e o guia original e universal de todas as interações e de todas as ações interpessoais e sociais. Outros afetos e sentimentos podem se somar a ele, mas nenhum pode ser contrário a ele. Nunca se poderia agir, então, em nome e através dos seus opostos, por mais justos que em algum momento eles pareçam ser: o medo, o ódio, a ira, a inveja.

A lei do “dente por dente, olho por olho” está abolida, porque ao ato de ódio deve-se responder com um gesto do amor. De um amor-ação que enlaça seres divinos, enlaça seres divinos e humanos e enlaça seres humanos entre si.

⁷ Está em Lucas, 6 – 27 a 36. Na mesma Bíblia em Edição pastoral, na página 1318.

Não tanto: “amar aos outros como vocês gostaria de ser amado”, mas amar-se a si mesmo no amor *dos e pelos* outros. Viver a partilha do bem sem o desejo do troco do bem em proveito próprio.

Não há ser humano alguém que deva estar excluído da convivência do/no amor, experiência, pois estar fora dela é, de algum modo, deixar de ser e viver como um ser humano. Só se é humano no amor. Fora ele qualquer sentimento não é apenas ruim, é desumano. Veremos logo no próximo capítulo a maneira como um filósofo, Paul Ricoeur, enfrenta este mandato terrível.

Foi com o Mahatma Gandhi - um não-cristão que tomava Cristo como seu grande mestre, que eu consegui compreender o significado deste convite radical de Jesus ao amor. Em plena campanha de enfrentamento da colonização inglesa, na campanha pela independência da Índia, Gandhi separava com a maior clareza o mal do outro exercido contra ele, da pessoa autora deste mal. Seu ponto de partida em plena campanha pode bem ser sintetizado assim: tenho todo o direito de resistir pacificamente de maneira não-violenta ao mal que me fazem e tenho todo o direito humano de lutar contra ele. Desde que em momento algum guarde em meu coração outro sentimento que não o amor por aqueles que me colonizam e me fazem mal.

Dito em outra direção: Toda a pessoa humana, quem quer que ela seja, só pode ser um sujeito de meu amor incondicional e nunca de qualquer sentimento contrário a este amor. Da mesma maneira, é um dever meu denunciar as más ações de quem pratica o mal contra mim ou contra qualquer outra pessoa e de maneira sempre não-violenta, resistir ao mal e lutar para que ele (mas nunca o seu praticante) seja extinto.

Paulo de Tarso, o mensageiro da “Boa Nova” entre os “gentios” em momento algum se considera autor de mandatos a respeito do amor, a não ser em nome da pessoa de Jesus. Conhecemos bem a bela passagem da primeira carta aos coríntios. Sabemos que conforme a versão a palavra-chave dela ora aparece traduzida como *caridade*, ora como *amor*. É com este segundo termo que ela aparece na mesma edição da Bíblia de onde separei a passagem evangélica acima. Antes de escrever aqui o que nos acostumamos a chamar de “hino da caridade”, ou “hino do amor”, quero lembrar também o final das palavras imediatamente anteriores. Dou ao texto que transcrevo a mesma forma de poema tal como ele aparece no meu original.

Por acaso são todos apóstolos? Todos profetas? Todos mestres?⁸, Todos realizam milagres. Todos têm o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? Aspiram

⁸ *Todos doutores, ou pós-doutores? Perguntaria Paulo se em nosso tempo.*

aos dons mais altos. Aliás, vou indicar para vocês um caminho que ultrapassa a todos.

Acima de tudo o amor⁹

*Ainda que eu falasse línguas
as dos homens e dos anjos
se eu não tivesse o amor,
seria como sino ruidoso
ou como címbalo estridente.
Ainda que eu tivesse o dom
da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios
e de toda a ciência;
ainda que eu tivesse toda a fé,
a ponto de transportar montanhas,
se não tivesse o amor,
eu não seria nada.*

*Ainda que eu distribuísse
todos os meus bens aos famintos,
ainda que entregasse
meu corpo às chamas,
se não tivesse o amor
nada disso me adiantaria.*

*O amor é paciente,
o amor é prestativo
não é invejoso, não se ostenta,
não se incha de orgulho.*

*Nada faz de inconveniente,
Não procura seu próprio interesse,
Não se irrita, não guarda rancor.*

*Não se alegra com a injustiça,
mas se regozija com a verdade.
Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.*

⁹ O que está também em negrito não é texto de Paulo, mas título dado em minha edição da Bíblia. Para ser fiel ao original, transcrevo-o também.

*O amor jamais passará.
As profecias desaparecerão,
as línguas cessarão,
a ciência também desaparecerá.
Pois o nosso conhecimento é limitado;
limitada é também a nossa profecia.
Mas quando vier a perfeição
Desaparecerá o que é limitado.
...
Agora, portanto, permanecem
estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor.
A maior delas, porém, é o amor¹⁰.*

Não sei se todas as pessoas que de algum modo já pensaram sobre estas palavras de Paulo estarão de acordo comigo. O apóstolo tardio de Jesus não dá uma ordem e menos ainda, estabelece um mandato. Ele canta a caridade, ele exalta o amor¹¹. E prestem atenção ao fato de que Paulo começa enumerando a série dos dons que as comunidades “do Caminho”, seguidoras de Jesus, o Nazareno, atribuíam aos poderes Espírito Santo. Era um tempo em que alguns fiéis das primeiras comunidades começavam a se comparar e a disputar pequenos poderes em nome dos dons possuídos ou atribuídos a alguém. O que deveria ser um dom no duplo sentido da palavra - como dádiva de Deus e como serviço ao outro - corria o perigo de deixar de ser um bem do amor do Espírito Santo através da pessoa humana em quem ele fluía como um serviço, para se tornar uma deferência especial de Deus segundo os pretensos méritos desta ou daquela pessoa. Ele tendia, então, a perverter-se em uma posse e um instrumento de poder entre os primeiros cristãos. Enquanto algo originalmente acreditado como uma dádiva miraculosamente distribuía entre alguns fiéis das primeiras comunidades de fé, eles eram dons plenos e gratuitos. Doados a alguns como uma escolha divina, uma escolha independente até mesmo das virtudes de seu portador, eles só valiam na medida em que serviam aos outros e, nunca, ao seu próprio possuidor.

Ora, quando logo em seguida Paulo começa a narrar as qualidades do amor - a mais excelente das virtudes - em nada elas pareciam ser qualquer uma destas duas coisas aparentemente opostas. Primeira: elas eram dons do Espírito

¹⁰ Paulo de Tarso, *Primeira epístola aos coríntios*, 12 – 29 a 30; 13 – 1 a 13, conforme as páginas 1473 e 1474 da mesma Bíblia citada na nota anterior.

¹¹ O *ágape* dos gregos, ora traduzido como *caridade*, da *cáritas*, do Latim, ora simplesmente como o *amor*, tal como na minha versão da Bíblia.

Santo, como a profecia ou o falar em línguas. Segunda: elas não eram virtudes pessoais decorrentes do estudo e do saber das ciências ou da exegese da palavra sagrada. O amor está, por caminhos diversos, situado fora e além da dádiva do dom e do poder do saber humano. Deus doa o dom e o estudo dá o saber. Mas a virtude do amor a pessoa cultiva através de construir em si não sentimentos interiores apenas, mas uma vida de santidade.

O amor é aquilo sem o que deixam de ter qualquer valor e qualquer sentido: o saber, a fé, os dons e todos os gestos de uma vida virtuosa, ou mesmo muito piedosa. Pois sem o amor eles são gestos que soam, mas sem a música; palavras com que se fala, mas sem se dizer coisa alguma; atos de fé que se vive, mas sem um gesto primordial da fé partilhada como serviço gratuito ao outro e, através dele, a Deus. Assim, a seu modo o amor é uma espécie de dom às avessas, porque deve existir como criação e sentimento humano em sua origem e vivido entre as pessoas, em seu destino. Ele não é devido a Deus, mas é o caminho único para se chegar a Ele por meio de gestos de uma plena e paciente saída de si mesmo em direção ao outro. Vejam que este nome: Deus sequer é pronunciado na longa passagem da carta de Paulo. O poder dos dons do Espírito Santo é útil e até utilitário e, por isso mesmo os dons deverão passar. Haverá um tempo em que não serão mais necessários, e eles valem porque são efêmeros.

Mas o amor é uma criação *de* e *entre* pessoas convertidas a uma vocação de vidas dedicadas ao outro. E ele será para sempre. E não será eterno porque é um bem dado por Deus aos seres humanos, mas porque é também uma criação da emoção humana. Porque é a resposta mais inventiva e perfeita dos homens que aprenderam, com Deus ou entre eles mesmos, a se voltarem, através do amor entre as pessoas humanas, ao amor às pessoas de Deus. Terei compreendido bem o pensamento do “Hino ao Amor” de Paulo de Tarso?

Antes de deixarmos os escritos religiosos a respeito do *dom do amor* quero transcrever aqui uma passagem de um texto de tradição Kadampa, do budismo, onde a palavra *amor* é rara e em geral pensada como *compaixão*, *compaixão universal*. Neste outro hino ao amor está presente a mesma disposição de dar de si aos outros, a todos os outros de maneira plena e absoluta. Não há proveito algum em amar, a não ser viver o bem do amor na felicidade de outros. E todo o mérito (palavra-chave no budismo) acumulado por uma vida dedicada à meditação e ao bem, reverte em proveito da própria pessoas praticante apenas como um retorno de algo que deve se realizar, antes, em todos os outros, em tudo o que esta vivo e vive.

*Assim pelo mérito que coletei
Com todas essas ações virtuosas,
Que o sofrimento de cada ser vivo
Possa ser completamente eliminado.*

*E até que todos os doentes
Sejam curados de suas enfermidades,
Que eu me torne seu remédio,
Seu médico e enfermeiro.*

*Que caia uma chuva de alimentos e bebidas
Para dissipar a desgraça da fome e sede;
E que durante o grande éon de fome
Eu me torne a comida e a bebida de todos.*

*Que eu me torne um inesgotável tesouro
Para os pobres e destituídos.
Que eu seja tudo o que eles possam necessitar
Livramento colocado ao seu dispor.*

*De agora em diante, sem nenhum sentimento de perda,
Darei meu corpo e também minhas riquezas
E virtudes coletadas durante os três tempos
para ajudar todos os seres vivos, minhas mães.*

*Por dar tudo, vou atingir o nirvana de um Buda
E meus desejos da bodichita serão satisfeitos.
Darei tudo pelo bem dos seres vivos,
Os supremos objetos de doação.*

*Já desisti deste corpo
Pela felicidade dos seres vivos,
Ele sempre lhes pertencerá, para surrá-lo, injuriá-lo
ou até matá-lo a seu bel-prazer.*

...

*Que eu me torne um protetor para os desamparados,
Um guia para os que andam pelas estradas
E, para os que querem atravessar as águas
Que eu seja um barco, um navio ou uma ponte.*

*Que eu me torne uma ilha para os que buscam terra firme,
Uma tocha para os famintos de luz,
Um lugar de repouso para os que assim almejam
E um servo para quem precisar ser servido¹²*

Paul Ricoeur dedica quase todo o primeiro capítulo de um livro chamado **amor e justiça** a resolver a difícil questão das aparentes ou reais contradições entre as passagens dos evangelhos em que da maneira mais direta e drástica Jesus Cristo fala o amor e diz aos que o ouvem como ele deve ser vivido¹³. E como não deve. Já antecipei um pouco deste dilema. Já sabemos quais são as passagens. Ele proclama um amor manso e praticável no Evangelho de João. E propõe aos seus seguidores o desafio de um limite extremo para o exercício do amor, no Evangelho de Marcos. Não se trata apenas de desproporções entre dimensões ou qualidades do amor. Trata-se, a seu ver, da desproporção que existe aí entre o *amor* e a *justiça*.

Logo no início do escrito que quero trazer aqui, ele diz:

Falar de amor é muito fácil ou muito difícil. Como não se deixar levar pela exaltação, de um lado, ou pelas trivialidades emocionais, de outro? Uma maneira de abrir caminho entre estes dois extremos, consiste em de um guia de pensamento que se detenha na dialética entre amor e justiça. Por dialética entendo aqui, por uma parte, o reconhecimento da desproporção inicial entre os dois termos e, por outra, a buscadas mediações práticas entre os dois extremos – mediações, devemos dizê-lo de saída, sempre frágeis e provisórias¹⁴

Aqui estamos diante de um segundo sentido dado ao *amor*. Ele não vem do enlace apaixonado entre duas pessoas, amados amantes felizes de seu amor ou não, como em Julia Kristeva ou em Roland Barthes, mas da entrega de si ao amor pelo outro, quem quer que seja. A experiência do *amor* como entrega de si mesmo ao que o amor exige para deixar de ser um sentimento que vive quem deseja ardentemente a posse do amor do outro, ou da própria pessoa de um

¹² Está entre as páginas 36 e 38 do livro **guia do estilo de vida do Bodissatva – como desfrutar uma vida de grande significado e altruísmo**, de autoria atribuída a Shantideva, um mestre budista do século VIII. O livro foi traduzido do tibetano para o inglês por Neil Elliot, sob a supervisão do Venerável Geshe Kelsang Gyatso, Foi traduzido do inglês para o português por Kelsang Palsang. Foi publicado pela Editora Tharpa Brasil, em São Paulo, em 2003. Algumas sonoridades da passagem aqui transcrita ressoam visivelmente na conhecida oração atribuída a São Francisco de Assis.

¹³ Tenho comigo a tradução em Espanhol, com o nome de **amor y justicia**, com a tradução de Tomás Domingo Moratalla, para a *Colección Espirit*, da Caparrós Editores, de Madri, em 1993. O livro é publicado em co-edição com o Instituto Emmanuel Mounier.

¹⁴ Está na página 13 do livro **amor y justicia**, o capítulo tem o mesmo nome do livro.

outro, à emoção que nos deve conduzir a dispor de nossas vidas em nome da felicidade de outros, mesmo que não “amáveis” por nós. A diferença que existirá, como Paul Ricouer mesmo sugere, entre o “ama-me, e somente a mim, para que eu possa dedicar a ti todo o meu amor”, e o “eu dedico a vocês o meu amor porque vocês são seres humanos, quem quer que sejam entre vocês e para mim”. De um lado um amor que para ser uma entre ardente, absoluta, exige do outro primeiro as suas condições. De outro, um amor que para ser incondicional começa por não exigir do outro absolutamente nada.

Não sei se sendo fiel ao pensamento de Paul Ricouer, ou se ousando ir mais longe do que ele me autorizaria, quero acreditar que um mandato do amor não se opõe ao outro, mas estende e aprofunda o sentido do primeiro o aos seus limites mais generosa e radicalmente humanos. Um é o amor que pratica o bem em favor do outro, para que no horizonte do círculo de vidas e de interações daqueles que se amam mutuamente, haja um harmonioso cenário de felicidade compartilhada. Outro é a amor que através dos seus atos *em nome* e *entre* os outros tomados neles mesmos e, não, para mim, pretende estabelecer um mundo de justiça como lugar social onde o primado do amor se estabeleça. Um amor realizado como exercício da justiça e de tudo o mais o que ela envolve, como: a igualdade entre todos em suas diferenças, a não-exclusão de ninguém da vocação humana à felicidade, a partilha co-responsável da liberdade, Esta poderia ser também a diferença entre o amor que cria entre pessoas um enlace feliz, e o amor que cria através e para as pessoas, um mundo feliz. Deixemos Ricouer com esta idéia:

A tensão que acabamos de discernir, em lugar da antinomia inicial, não equivale à supressão do contraste entre as duas lógicas. Ela faz, no entanto, da justiça o meio necessário do amor; precisamente porque o amor é supra-moral, ele só penetra na esfera prática e ética sob a égide da justiça. Como já foi dito algumas vezes das parábolas que orientam desorientando, este efeito somente é obtido no plano ético pela conjunção do mandamento novo e da Regra de Ouro e, de maneira mais geral, através da conjunção sinérgica do amor e da justiça¹⁵

Tudo o que existe realiza a seu modo uma dimensão de uma força de saída de si-mesmo em busca do outro, de formação contínua de unidades mais complexas, mais autônomas e mais integrativas, mais poéticas (harmoniosas) e poéticas (mais capazes de gerar integrações), porque provém de um mesmo princípio gerador e ordenador do sentido de presença no Universo presente em

¹⁵ Na página 33 do mesmo livro.

tudo o que há. Realiza-o, porque em sua maior ou menor individualidade, é parte de um todo que a tudo une e apenas na totalidade gera a dimensão e o sentido do existir de tudo o que há, de uma pequenina e efêmera borboleta à imensidão da montanha onde por um momento ela pousa. A frase conhecida: “o mover das asas de uma borboleta move toda a arquitetura do Universo”, talvez seja bem menos fantasiosa do que se imagina. Realiza-o, enfim, porque assim como há uma origem comum e misteriosamente conectiva, unindo desde sempre tudo o que existe, assim também podemos antever um destino comum, uma finalidade, uma razão de ser e um esperançoso horizonte de plenitude comum. Teilhard de Chardin diz esta idéia em inúmeros momentos de seus trabalhos. Assim, por exemplo, em uma passagem em que sintetiza uma convergência ascendente da Energia e da Vida na realização culminante delas em sua forma reflexiva e pensante: nós mesmos.

Pela hominização, o universo atingiu um nível superior no qual suas potências físico-morais tomam forma pouco a pouco de uma afinidade fundamental que liga os indivíduos entre si e ao que chamamos Ponto Ômega. Em nós e em torno de nós (...) os elementos do mundo vão incessantemente se personalizando cada vez mais, por acessão a um termo, ele próprio pessoal, de unificação (...).) Amor é, por definição, a palavra que usamos para designar as atrações universais de natureza pessoal. Uma vez que no universo tornado pensante (consciente), tudo, afinal de contas, se move no sentido do pessoal, é forçosamente de Amor, uma espécie de amor, que se conforma, e que se conformará cada vez mais em estado puro, o estofo da energia humana¹⁶.

O princípio de um amor incondicional atinge aqui o elo de todas as dimensões. Sendo entre os seres vivos uma força biopsicológica ele atinge os seres humanos a sua própria transfiguração em pelo menos duas direções. A primeira no ser uma emoção natural e fundadora, atravessada pela da consciência reflexiva. Mediada pela reflexão e a capacidade humana de estabelecer interações e diálogos entre a pessoas e ela mesma, entre pessoas e entre pessoas e outros seres e cenários de seu mundo de vida, o que dá ao amor não apenas a sua direção energética, mas o feixe de seus sentidos humanos e sociais. A segunda, por delegar ao ser humano o poder da escolha. Inclusive a escolha de não amar, a escolha do não-amor. Somos a única espécie de seres vivos, livres para o

¹⁶ Está na página 181 de um dos livros não traduzidos de Teilhard de Chardin: *L'énergie humaine*. Tomei aqui a tradução de Marcos Arruda, encontrada nas páginas 220 e 221 de seu livro já mencionado aqui.

exercício do amor ou do ódio, da confiança ou do temor, do diálogo entre iguais diferentes ou o despotismo entre desiguais indiferenciados. A energia cósmica que mesmo na matéria anterior à vida procede por graus mais ou menos complexos de atração e de configuração do que existe em seus ilimitados domínios, ao emergir na energia e na matéria estruturadas como seres e como sistemas vivos, realiza-se justamente através de formas cada vez mais complexas de atração, de interação e de partilha.

Podemos lembrar algumas cenas conhecidas de experiência vivenciais, ou de filmes e livros para compreender o sentido desta complexificação das interações entre os seres até quando a Vida atinge o humano. Uma ameba sequer precisa de um outro para reproduzir-se. Divide-se em duas partes de si mesma e cada uma “nasce” adulta e pronta da viver suas interações com o meio ambiente.

Dela a uma tartaruga dos rios ou dos mares já há um salto gigantesco. Dois seres precisam se unir, por um segundo que seja, para que da mistura de seus componentes genéticos outros seres sejam gerados. Mas macho e fêmea talvez nunca mais se vejam e, caso se encontre de novo, certamente irão se ignorar. Quando chega o momento a tartaruga-fêmea cava na areia da praia o buraco-ninho onde deposita inúmeros ovos. E vai embora e o calor do sol na areia choca os ovos. No momento em que emergem do ovo ao mundo, quase todas ao mesmo tempo, as pequenas tartarugas não estabelecerão com a mãe desconhecida qualquer relacionamento. Elas se ignorarão também umas às outras em quase tudo. E, quase já bem preparadas para reproduzirem os comportamentos da espécie. Correrão depressa para as água de um lago, de um rio, do mar. As interações entre elas e o ambiente completarão a socialização necessária e, solitárias por quase toda as longas vidas, elas sequer comporão grupos ou bandos.

Também os pássaros põem ovos. Mas com que diferenças entre as aves e os répteis. Algumas espécies, como os papagaios, formam pares por longos anos, por toda uma vida. Fecundada a fêmea, a espera da vida obriga o par a conviver e a construir o ninho com o trabalho de macho e fêmea, na imensa maior parte das espécies de pássaros. E o próprio ninho, nas suas incontáveis variedades, já é um lar, um aconchegante lar. Macho e fêmea se revezam no chocar os ovos e, nascidos os filhotes, “pai e mãe” se alternam entre buscar a comida e proteger os filhotes de predadores. Há uma comvente presença de seres no lar de um ninho. Há uma poderosa atração de afetos entre os seres que o habitam. Há mais do que um cuidado necessário à sobrevivência. Há olhares, gestos e atos entre o quase reconhecimento da individualidade de cada ser presente ali. E de uma maneira muito diferente da de cobras, tartarugas e jacarés, os filhos dos pássaros precisam por um longo tempo ainda (na medida natural das aves) de cuidados e de proteções do par de pais. E necessitam deles para algo que vai bem além da sobrevivência física. Precisam conviver. Precisam estar

afetuosamente juntos para aprender. Para completarem com a presença e o exemplo dos pais o que falta para que cada avezinha seja, antes mesmo do primeiro vôo, um ser de sua espécie.

Que outro salto haverá da ave ao gato, ao cão, à onça? Entre os mamíferos, dos mais simples aos mais complexos, ademais de tudo o que acontece nas interações entre pais e filhotes entre pássaros, acontecem três outras coisas, e elas são uma aproximação a nós, bem visível. Uma é que a fêmea não busca o primeiro alimento, mas o retira de si mesma. Os filhotes mamam, como nós mesmos fizemos um dia. Outras são os cuidados da fêmea – pois agora via de regra o pai estará ausente ou será mesmo desconhecido – e eles vão mais além ainda dos simples procedimentos de sobrevivência dos filhotes. Há um tempo alargado de cuidados de higiene da prole. Há gestos demorados de carícias. Há tempos de lazer. Outra, ainda, é que os filhotes se reconhecem e a partir de um certo momento começam a interagir uns com os outros. Começam a aprender não apenas com a mãe e com o ambiente, mas entre eles. Brincam, competem, colaboram. Eis em embrião condutas que mais adiante serão as nossas. A variedade e a qualidade interativa dos afetos trocados entre mãe e filhos e entre os filhotes é surpreendente grande e quem cria cães ou gatos não deixa de se comover com elas.

Do cão ao lobo, embora possa não parecer a uma primeira vista, há um novo salto notável. Lobos estarão mais próximos de elefantes nisto do que seus primos criados entre nós. É que lobos e elefantes são, ao contrário de cães e gatos, animais sociais. Vivem em bandos, vivem em comunidades cuja estrutura de relacionamentos, cada vez melhor conhecida, tem seguidamente impressionado os que a estudam. Eis um momento em que lobos se parecem até mesmo mais com certas espécies de pássaros do que com cachorros. Eis também o momento da história da Árvore da Vida em que o afeto e o aprendizado “natural” do afeto saltam do par provisório de pais biológicos, para toda uma comunidade de vida, bem mais complexa e bastante mais estável. Lobinhos ou a cria única de um par de elefantes aprendem primeiro com os seus pais. Mas passado algum tempo e completada a breve socialização primária da espécie, eis que os pequenos animais pouco a pouco rompem o círculo da “família” e convivem com a comunidade. E a tessitura de condutas e de afetos nelas envolvidas é sempre maior do eu há algum tempo ousávamos imaginar. Lobos, elefantes e outros tantos mamíferos sociais completam o aprendizado de habilidades, de preceitos de vida, de afetividade e até mesmo de uma identidade da espécie, na convivência com uma pluralidade de outros seres de seus bandos.

E um último salto antes de chegarmos a nós mesmos é dado quando entre os mamíferos chegamos aos primatas. E o que nos emociona ao vermos em um documentário a vida cotidiana de um bando de macacos, é como em muitos aspectos eles já estão mais próximos de nós mesmos do que de outros animais

com quem compartilhem uma mesma floresta. Em geral a fêmea gera uma cria apenas a cada vez. Sobretudo nos macacos antropomorfos (parecidos conosco), como os gibões, os orangotangos, os chipanzés, os gorilas e os gonobos, o par de pais cuida com desvelo e carinho o filhote. E mais do que em outras espécies de mamíferos, esta relação de dependência é alongada. O cuidado envolve mais ainda do que a simples alimentação. E os macacos são os únicos animais que mama como os humanos, face a face com a mãe e estretados ao peito com os braços. Longo tempo é dedicado aos cuidados do filhote e conhecemos todos os gestos de afeto trocados entre mãe e cria. Há olhares, há expressões do rosto, há mesmo uma complexa comunicação de sons de parte a parte. Primado da presença dos pais e, sobretudo, da mãe, mesmo quando bem cuidado e alimentado, é comum que pequeninos chipanzés entrem em depressão e morram. De que? De falta de afeto. De tristeza. De não serem cuidados com o carinho de uma mãe.

Bastante próximo da criança humana, o filhote de macaco aprende bem mais do que simples habilidades necessárias à sua sobrevivência. Ele pouco a pouco é socializado primeiro pelos pais e, depois dentro do bando, para aprender a saber ser um participante ativo e cooperativo de seu grupo. Uma variada convivência com os pais, com outros macacos de um mesmo grupo de idades, com macacos jovens e adultos da comunidade coletiva que é o seu bando, envolve uma variedade de interações onde o tempo dedicado à experiência de trocas de gestos de afeto, de partilha, de desejo ou de poder. De uma espécie de vida animal à outra, em linha ascendente na árvore da vida, na medida em que nos aproximamos de nossa própria espécie são estas as qualidades do trabalho de socialização dos novos integrantes efêmeros de uma “família”, e também dos novos membros de uma comunidade mais ampla e mais estável: o bando:

- a) a duração aumentada do tempo de dependência dos pais biológicos;
- b) a flexibilidade e a variedade do repertório de aprendizagens, que vão de um simples complemento de atos simples de sobrevivência, até saberes e habilidades criadores de um indivíduo do bando, com uma quase personalidade peculiar;
- c) o aumento do tempo de convivência dedicado a atividades de cuidado, de expressão de afeto ou de interação gratuita com o outro;
- d) o incremento da intensidade e da variação de sentimentos envolvidos nas relações entre cria e pais e, depois, entre o novo membro e os outros do bando.

Assim sendo, de uma a outra experiência do mistério da Vida, a própria Vida faz ascenderem a presença e o valor do sentimento (o que sentimos em nós e face ao outro) e da sensibilidade (o que sentimos + o sentido que atribuímos ao que sentimos) na formação do ser vivo e na sua qualificação para viver entre os de sua espécie e em seu meio ambiente. Assim a Vida vai e se reproduz: dos

seres que não possuem pais biológicos aos seres que nunca os conhecem; destes aos seres cuja convivência com a fêmea-procriadora é breve e instrumental; destes aos seres onde a convivência envolve a expressão simples, mas já intensa da afetividade, com mães que lutam pela salvaguarda dos filhos; destes, finalmente, aos seres em que quase toda a convivência com o outro é vivida *dentro de e através de* expressões múltiplas e bastante intensas de afeto, entre o desejo da posse do outro ao sacrifício de si pelo outro ou pelo bando.

Nas formas mais complexas e mais diferenciadas da Vida, realizada nos animais que nos são mais próximos na Árvore da Vida, há um crescendo evidente de algo que se aproxima muito dos fundamentos da maneira humana de ser: o desejo da presença do outro, a dependência de interações afetuosas e significativas, a confiança mútua, a partilha em atividades de interesse comum, a reciprocidade. Antropólogos e etologistas estão há tempos envolvidos em um debate sem fim, para compreenderem se alguns animais superiores chegam a viver em um mundo de cultura, rudimentarmente próximo ao que nós, seres humanos, aprendemos a criar e a transformar para sobrevivermos e nos tornarmos os seres que somos. Ora, assim também há desde muito tempo um longo debate para se esclarecer se a qualidade dos afetos e dos fundamentos de enlaces entre indivíduos e entre cada um e o grupo social é da mesma espécie, ou se existem alguns sentimentos e emoções que, tal como acontece com o conhecimento e a consciência, somente podem ser aplicados aos seres humanos.

Tal como existem em nós, seres da consciência passada de reflexa (o animal sabe) a reflexiva (o homem se sabe sabendo), seres da passagem da natureza à cultura e seres do salto da vida coletiva à vida simbólica, para se social, as qualidades do impulso ao outro, como o amor, a confiança, a reciprocidade e a confiança não são vivenciados pelos outros seres vivos com quem compartilhamos a Terra.

Podemos trazer de volta a este livro Matt Ridley, o biólogo. Em todo o seu livro em defesa da colaboração como fundamento do existir humano, ele diz poucas palavras sobre o amor. Mas algumas delas quase nos remetem a Paulo de Tarso.

E o amor nos conduz ao relacionamento. Mesmo que possa ser efêmero, o amor é, por definição, mais durável do que a luxúria. Sem amor, haveria um elenco permanente e movediço de parceiros sexuais, nenhum dos quais conseguiria levar o outro a assumir vínculos de compromisso. Se o leitor não acredita, pergunte aos chimpanzés ou a seus parentes mais próximos, os bonobos, pois a descrição se aplica perfeitamente à sua vida sexual.

Humberto Maturana dirá que sim e que não. O amor de fato conduz aos relacionamentos, mas apenas nós o vivemos tal como ele parece ser. Os animais, mesmo os chimpanzés, mesmo os bonobos¹⁷, vivem dentro do primado dos atos de poder. Apenas nós saltamos deles aos gestos carregados da emoção do amor. E ele trará para dentro do ser humano, de seu organismo, a integração de seu todo de pessoa e, mais do que tudo, a sua vocação viver *de* e *entre* conexões com outras pessoas, através da emoção, do pensamento e da linguagem, aquilo que Pierre Teilhard de Chardin colocou antes no plano das inter-conexões de toda a Vida, de todo o Universo.

Somos seres autopoieticos. Somos seres destinados a uma contínua construção de nós mesmos, a todos o instante e de várias maneiras convergentes. A maravilhosa arquitetura orgânica de nossa interioridade é regida por um princípio de busca contínua e crescente de re-equilibrações interiores e de nossas interações como o “mundo fora de nós”. Assim também o encontro entre seres humanos é fundado por uma vocação orgânica, biológica, natural à comunicação, à cooperação e à conexão. A nos estarmos buscando sem cessar através de diferentes formas de encontros com os outros, de trocas de afetos e de busca solidária (mesmo nos momentos de conflitos, de onde em geral surgem os consensos) de sentidos para a vida e de significações para o destino e a história. A estabelecermos princípios e padrões de reciprocidade através de ações de cooperação. A criarmos entre nós os mais diversos sistemas de vida coletiva, tornada culturalmente uma experiência de vida social e simbólica gerada e transformada por meio de intercâmbios de bens, de serviços, de pessoas, de saberes e de significados.

Todo o ato de aprendizado de criação de pensamentos reflexivos é um processo de dialogo de dimensões interiores da pessoa humana. Eu penso quando eu me penso. Eu me penso, ao pensar o mundo, quando um *eu*, um *me* e um *mim* dialogam comigo e refletem *em* mim e *através de* mim. Mas o aprendizado do começo do pensamento reflexivo é sempre um gesto que se inaugura na saída de si mesmo. Eu preciso – desde um primeiro momento após o meu nascimento e daí pela vida afora – de um outro; de outros em que me veja refletivo, retornado a mim mesmo através do rosto de um outro frente a mim, para que eu mesmo me torne reflexivo¹⁸. Isto é, um ser que aprende, reflete e partilha,

¹⁷ Os bonobos foram de certo modo recentemente descobertos. São primatas, macacos antropomorfos parentes muito próximos dos chimpanzés. Os padrões de vida afetiva, interativa e social dos bonobos têm impressionado vivamente os primatologistas e etólogos. Até mesmo a existência de uma forma própria de cultura animal tem sido defendida por alguns estudiosos.

¹⁸ É Emmanuel Lévinas, um filósofo que de maneira afortunada começa a ser mais e melhor conhecido no Brasil, quem trás para a compreensão da relação eu-outro, o rosto de um outro. Com um pé fincado nas reflexões sobre a construção do eu e a alteridade, em Martin Heidegger e, o outro, fincado nas teorias do corpo em Maurice Merleau-Ponty, Lévinas trás uma grande originalidade de pensamento sobre a interação, ao corporificar o outro como um rosto diante do qual me é impossível ficar indiferente. Ver, entre outros: ***Entre nós – ensaio sobre a alteridade***, editado pela VOZES, de

por este caminho, de acontecimentos interativos e sociais de criação solidária de saberes, sentidos significados, sensibilidades e sociabilidades. O enlace que cria isto é o *encontro* entre pessoas tornado um *diálogo* quando uma pessoa não apenas convive com uma outra, mas aceita como e enquanto um pleno outro em si-mesmo. “Olhar o outro como um igual” e, ao mesmo tempo, relacionar-se com ele pelo sentido da partilha de um tempo de vida e, não, por um motivo de uso do outro em proveito próprio. Esta vocação – bastante mais branda do que nas passagens evangélicas que enfrentamos linhas acima - pode ser atribuído o nome de *amor*. Ele não é um sentimento de introspecção de afetos, mas uma emoção ativa que estabelece o aprendizado gerador da socialização, geradora, por sua vez, da própria vida social. Não é apenas que sem o amor não podemos viver individualmente. Sem o amor não podemos criar os mundos de vida social em que podemos viver. Dito de outra maneira: a biologia da vida social não é o interesse, em suas várias faces e dimensões, como pregam alguns sociólogos e economistas, mas é o seu exato oposto: a experiência gratuita e generosa da partilha do amor. Isto é real até o ponto em que, em Maturana e Varela:

Descartar o amor como fundamento biológico do social, assim como as implicações éticas do amor, seria negar tudo o que nossa história de seres vivos, de mais de três bilhões e meio de idade, nos legou. Não prestar atenção no fato de que todo conhecer é fazer, na ver a identidade entre ação e conhecimento, não ver que todo ato humano, a construir o mundo pelo linguajar, tem um caráter ético porque se dá no domínio social, equivale a não se permitir ver que as maçãs despencam ao chão. Agir assim, sabendo que sabemos, seria um auto-engano e uma negação intencional. Para nós, portanto, este livro não tem apenas o propósito de ser uma pesquisa científica, mas também o de nos oferecer uma compreensão do ser humano na dinâmica social e nos libertar de uma cegueira fundamental: a de não nos darmos conta de que só temos o mundo que criamos com o outro, e que só o amor nos permite criar esse mundo em comum. Se conseguirmos seduzir o leitor a fazer essa reflexão, o livro cumpriu seu segundo objetivo¹⁹.

Petrópolis em 1997. Este livro e outros, do próprio Levinas, fazem parte da coleção: *ética e intersubjetividade*, coordenada por Perventino Pivatto e de quem participam outras pessoas vinculadas à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde existe um fecundo grupo de estudos e vivências das idéias de Emmanuel Levinas. *No encontro do rosto não foi preciso julgar: o outro, o único, não suporta julgamento, ele passa diretamente na minha frente, estou com obrigações de fidelidade para com ele* (pg. 270)

¹⁹ **A árvore do conhecimento**, página 264, já no final do capítulo e do livro. Os grifos seguem sendo dos autores.

Seguindo caminhos ora próximos, ora mais distantes, de acordo com o sistema de criação de sentido - uma ciência, uma filosofia, uma religião, ou o intervalo de encontro entre duas delas ou mesmo das três - desde onde escrevem, pensadores da condição humana de um passado mais remoto, como Giordano Bruno e Baruch de Spinoza, de um passado próximo, como Pierre Teilhard de Chardin ou Sri Aurobindo, ou do pleno presente, como Humberto Maturana e Marcos Arruda convergem em pelo menos dois eixos essenciais da compreensão da Vida. Primeiro: um sentido de diferenciada totalidade em que tudo o que existe se intercomunica e interage. Segundo: a presença de uma energia, fonte vital, uma emoção fundadora, ou o que seja, situada na origem e no destino de todo o fluxo da existência, tendo no ser humano a dimensão da existência e da vida em ambas se tornam reflexivas e, portanto, sujeitos de sentimentos e significados de conhecimento e de consciência capazes de criar compreensões múltiplas e igualmente integrativas e totalizadoras a respeito do Mundo em que existem e da Vida e do Universo em que nosso Planeta e os nossos destinos individuais (o das histórias de vida) e coletivas (o das histórias de povos e da humanidade) realizam as suas trajetórias e buscam sentidos para elas.

A emoção humana não é, tal como estivemos dialogando mais de uma vez nos capítulos anteriores, um sentimento voltado para o dentro do ser, para a “interioridade da sensibilidade”. Ela é, em uma outra direção, a interação ativa de sensibilidades e sentidos em nome da qual nós nos motivamos interagir e a buscar significados para as nossas interações. Daí a expressão *operar no amor* da passagem acima. Não são estruturas objetivas de vida cotidiana e interativa, realizadas como esta ou aquela forma social o que determina desde o lado de fora o nosso pensar e o nosso agir. Em uma outra direção, não é também uma qualquer compreensão puramente racional e pretensamente objetiva (se é que isto existe com que nos colocamos frente a e pensamos a Vida e o Mundo. Interagimos conosco mesmos, com os outros com quem compartilhamos cenários e momentos de vida, e com os mundos sociais que criamos e em que partilhamos a vida, conduzidos por feixes de emoções; e a emoção que funda a ação humana e desde onde deveríamos atribuir sentido a todas as outras, é o *amor*.

Neste momento de nossa busca podemos retornar a passagens de **Nós, os humanos**, para não nos esquecermos de que de acordo com alguns antropólogos - entre os quais destaca-se Claude Lévi-Strauss - o que justamente nos tornou humanos e nos fez saltar do sinal ao símbolo, do saber reflexivo ao pensamento reflexivo e da natureza à cultura, foi a criação livre e arbitrária dos germens dos princípios de gramáticas sociais com que os nossos ancestrais sobrepuseram às *leis naturais* - que compartilhamos com nossos parentes primatas - *regras sociais* que estabelecem simbólica e significativamente “quem é quem” na comunidade e “que tipos de relacionamentos quem pode viver com quem”.

Assim, machos e fêmeas, crianças, jovens, adultos e idosos tornam-se: pais e mães, maridos e esposas, irmãos e primos, cunhados, padrinhos e afilhados. E os códigos sociais que estabelecem os princípios e os preceitos de interações entre indivíduos naturais tornados atores culturais criam isto a que damos nomes bem conhecidos como: *vida social, grupo humano, comunidade, sociedade*, e outros. Mas essa é uma outra história. Voltemos a Maturana. Isto é, a uma biologia do amor.

Nós, seres neotênicos (Humberto Maturana), procedemos de uma maneira natural (primado da lei do instinto) e cultural (primado da regra do significado) em três dimensões. Nós operamos por uma permanência temporal da emoção; operamos por uma extensão sócio-espacial do afeto; e operamos por uma vocação a tornar este primado das emoções fundadoras um fato social. E o que é que isto quer dizer? Quer dizer, em três momentos, algo experimentado de um modo ou de outro por todas/os nós. E algo de uma simples extrema complexidade.

Primeiro momento. Entre nós, seres humanos, as emoções fundadoras das conexões interativas: o desejo da presença do outro, o amor e a cooperação vividos de maneira original na relação mãe-filho, não se extinguem, mas permanecem acompanhando o jovem, o adulto e o idoso pela vida afora. Um traço criador de relacionamentos que se perde em todos os seres animais, misteriosamente permanece nos humanos.

Uma mãe sente pelo filho meses, de três anos, de treze anos, de trinta e de sessenta anos uma mesma emoção de afeto amoroso que o passar do tempo transforma e re-qualifica, sem que a sua essência se perca. E como dói quando ela se perde. Podemos ousar estabelecer o fato de que bem mais do que as contra-emoções de ódio, ganância e temor, geradoras em linha direta do primado da vocação individualista, do interesse utilitário e da competição, as emoções naturais de amor, partilha e confiança, geradoras em linha natural e culturalmente diretas do primado da vocação solidária, da gratuidade e da cooperação, são as que permanecem vida afora *em nós* e *entre nós*. No livro que aqui nos reúne e em outros, Humberto Maturana faz poucas concessões ao que não é o *amor*. Pois o que não é ele em nós, não é uma espécie de “outro lado em nós mesmos”. É a nossa doença. O ódio não é nosso lado de sombra, é a nossa luz adoecida e apagada.

Segundo momento. A permanência temporal da emoção do amor iniciada nas trocas de afetos mãe-filha, tende a estender-se. Tende abrir-se de maneira diferenciada aos outros seres dos círculos da vida. Ela envolve a pessoa do pai e, a seguir, o círculo dos irmãos. E vai deles aos outros parentes verticais (como um avô) ou colaterais (como uma prima). E vai do círculo genético da parentela aos outros dos círculos sucessivos da vida. Os companheiros dos grupos de idade, vizinhos e amigos. Aos companheiros da trajetória da existência. Aos outros

distantes e mesmo aos desconhecidos. Podemos sem esforço atingir uma compreensão sensibilizada do Outro, da Vida e do Mundo em que, de repente, a lembrança de uma distante amiga que não vejo a muito tempo, mas de quem chegam notícias de uma grave enfermidade, torna tristeza a felicidade de meu dia. Em que a guerra na Bósnia acontece aqui, na minha rua. Em que uma criança morta no Afeganistão é um filho meu. Em que um jardim destruído por uma bomba no Iraque explode no terreno de minha casa. E em que uma floresta que se incendeia na Califórnia arde atrás dos quintais de minha rua. A este ponto chegamos? A este ponto haveremos de chegar!

Terceiro momento. Mesmo quando isto não aparece ser uma realidade, sobretudo nos dias de agora, tendemos a criar sempre que possível instituições e unidades de vida social – da família ao trabalho – em que as emoções dominantes sejam o *amor* e as suas derivadas.

Em termos ousados e de algum modo inovadores, podemos compreender que não foi uma racionalidade separada do fluxo das emoções fundadoras e, depois, criadora de sentidos e de significados para elas e, portanto, ordenadora delas, o que aos poucos nos tornou humanos. Ao contrário, fomos aprendendo a nos criamos como seres humanos - o processo genético da hominização em Pierre Teilhard de Chardin - na medida em que fomos criando entre nós diferentes padrões de interações regidas pelo amor e suas emoções e gostos derivados: a confiança, a generosidade, a reciprocidade, a solidariedade, a cooperação, o desprendimento, a partilha, a co-responsabilidade e a co-participação.

Da casa à escola, dela ass equipes e unidade sociais de trabalho ou do que quer que seja, o fazer humano é gerado por gestos interativos e por atos sociais decorrentes de uma vocação cooperativa original. Se nossas vivências interpessoais e se os mundos de vida social que através delas criamos e transformamos, negam em parte ou no seu todo esta vocação humana original, é porque talvez tenhamos perdido ou estejamos perdendo o que faz parte de nossa própria origem. Com o aprendizado do que sou obrigado a viver hoje, sem desejar, e com o aprendizado do que me ensinam tantas leituras e experiência, acredito, por exemplo, que o *mundo do mercado*, regido por princípios de desconfiança, temor de quem tem, ganância, posse e competição, é bem o oposto histórico e social de um *mundo a vida*, em nada utópico ou ilusório. Um outro mundo possível que está em nossas mãos construir – a duras penas e remando contra a corrente, bem sabemos – e que venha aos poucos a ser regido por princípios em tudo opostos aos do *mundo do mercado*: a confiança, a coragem de ser, a gratuidade, o dom e a cooperação.

Na direção oposta a toda uma tendência que torna a *competitividade* uma virtude e mesmo uma aprendizagem essencial “para a vida”, ao tornar a competição, a concorrência quase agressiva e o desejo utilitário da posse e do

lucro eixos de valores da lógica e da ética do mundo do mercado, Humberto Maturana alia-se a pensadores que as atacam de frente.

Se pudermos emprestar por um momento às suas idéias uma palavra cara aos praticantes da Escola de Frankfurt, podemos pensar que a *competição* oposta à *cooperação* não responde pela vida do mundo do mercado. Responde pela barbárie que a ética desta vida instaura. Se nos podemos pensar e sentir como seres amorosamente vocacionados a conviver com os outros em interações experimentadas como reciprocidade e dom, ao invés de utilidade e posse de bens e de pessoas, então a colaboração e a cooperação são as maneiras naturais do acontecer de nossos relacionamentos, qualquer que seja a esfera de ação social em que eles se passem, inclusive nas trocas de bens e de serviços do comércio. Se isto é verdadeiro, então o seus opostos: a competição e a concorrência não são maneiras humanas de estabelecer interações humanas, e jamais deveriam ser valorizadas como emoções fundadoras de intercomunicações, sobretudo no domínio das ações sociais relevantes na construção e na transformação dos cenários mais estáveis do acontecer da própria vida social.

Quando uma forma qualquer de competição nega, na sua origem, o ser de uma outra pessoa como um valor humano em si-mesmo, e o torna uma expressão qualquer de utilidade para-mim, ou de um empecilho à realização de meus interesses, ela deve ser compreendida não como um menos-valor, mas como uma fonte de ações infra-humanas e, portanto, anti-sociais.

A competição é anti-social. A competição, como uma atividade humana, implica a negação do outro fechando seu domínio de existência no domínio da competição. A competição nega o amor. Membros das culturas modernas prezam a competição como uma fonte de progresso. Eu penso que a competição grã cegueira, porque nega o outro e reduz a criatividade, reduzindo as circunstâncias de coexistência

(...)

A origem do homo sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode ser dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor²⁰.

Palavras como *gratuidade, generosidade, reciprocidade, solidariedade* tem sido repetidas várias vezes nestas linhas. Serão mais ainda nas dos outros capítulos. Repetidas assim elas podem perder a energia de sensibilidade e de sentido humano que, espero, sejam mantidas e até cresçam, de página em

²⁰ *A ontologia da realidade*, pagina 185.

página. Temo, no entanto, que até pela sonoridade de suas sílabas finais elas possam parecer boas para um samba-enredo de escola e samba, mas indevidas para uma série de textos que mesmo procurando serem livres de qualquer cientificismo, ainda tomam algumas ciências como um ponto de partida confiável.

Estas palavras e outras de mesma rima e de um significado também próximo, são bem propositais. O tempo todo estamos – eu e os autores com quem caminho por estas páginas - procurando deslocar o *amor* dos afetos passivos que criam sentimentos (embora ele seja também isto!), para trazê-lo para o lado das emoções ativas que geram gestos e interações que valem como ações sociais que criam e transformam os mundos em que partilhamos a vida que convivemos. O tempo todo estamos e estaremos (você também, leitor?) sonhando pensar em que o *amor* se realiza em e entre nós para afinal ser algo mais do que: “aquilo de maravilhoso que se sente quando se ama” (embora ele seja também isto!) para vir a ser aquilo que se vive entre outros (“entre nós”, como no livro de Emmanuel Levinas) e aquilo que se cria e partilha de maneira solidária e recíproca, quando, “entre nós” há uma relação de amor entre todos.

Por isso a palavra: *gratuidade* ... que nos leva de volta ao “hino de Paulo” em sua Carta aos Coríntios. Creio que a experiência interativa da partilha do amor parte da *gratuidade*. Parte do que há de mais simples e verdadeiro nesta palavra: a vocação de viver pelo bem do viver. A generosa experiência de ser a pura pessoa de si-mesmo, em lugar de preocupar-se em acumular e reter para vir a ter-para-si-mesmo, inclusive saberes e títulos. A aventura humana de sair de si, livre e amorosamente em busca do outro e do bem do outro, sem a espera utilitária de bem algum em troca além do em da partilha da vida com um outro. A coragem de conviver com a felicidade de estar com e partilhar com, e a partir de então criar com os outros alguma coisa cujo benefício (bem do ofício) está bem mais na qualidade da relação através da qual que se viveu, conviveu e criou algo, do que no proveito utilitário obtido depois “da coisa feita”. A ventura do sair-de-si e a experimentar em todos os dias, um pouco mais a cada dia, o aprender a dar e a dar-se. A saber doar os momentos de seu tempo e a partilhar os seus espaços (afinal, numa bicicleta cabem dois, num carro cinco e numa casa muitos) e os seus bens. Retirar do *circuito dos ganhos* (como as tantas “bolsas de valores” diretas e indiretas que nos cercam cada vez mais) e colocar no *círculo dos dons*, os seus próprios dons. Ou se pudermos lembrar uma palavra mais consagrada: os seus talentos. Algo que você “lutou por conquistar” e mereceu. Mas algo que de modo algum vale porque são conquistas, em/de um mundo de escalas de ganhos e enfrentamentos entre competidores, mas porque são momentos de seus aprendizados sempre em relações recíprocas, e porque são as suas realizações pessoais de valor sempre interativo. Talentos, portanto, que valem apenas enquanto bens *partilhados*, bem mais do que adquiridos, e *partilháveis*, bem mais do que acumuláveis. Entre educadores todo isto equivale ao aprendizado da

experiência de viver o conhecimento ganho com o estudo – onde tudo o que eu sei veio de outros com quem vivi um momento de diálogo - não como uma posse ou, pior ainda, um poder, mas como um serviço. E esta é a diferença entre o saber e a sabedoria.

Impossível pensar uma relação autêntica entre pessoas, em qualquer contexto da vida social – do lar à fábrica, passando pela escola – em que as pessoas não aspirem criar cenários interativos regidos pela aceitação plena do outro e pela partilha do amor. Isto parece algo romântico, mas ao lado dos autores de idéias que nos acompanham aqui e ao lado de outros que nos caminharão conosco os passos das outras páginas, quero partir da certeza de que nada mais realista do que este desafio. Diante de um mundo regido pelo ganho e a ganância e que se nos aparece na mídia e nos cartazes de rua como um fascinante universo de grandes ganhos para quem seja capaz de ousar as grandes conquistas, necessitamos com urgência da prática de uma outra coragem.

O Mahatma Gandhi defendeu sempre que a não-violência deveria ser uma prática de vida extremamente ativa, pois ela deveria gerar atos sociais concretos e transformar pessoas e mundos. E indianos e ingleses viram isto acontecer. E ela deveria ser pacificamente corajosa, pois não-reagir com violência a quem me coloniza, para resistir de maneira legítima e fraterna ao mal que ele me faz, acaba por liberta-lo e a mim de seu mal.

De igual maneira devemos, como militantes da paz entre todas as pessoas e povos da Terra, dos direitos humanos, de uma vida de trocas fundada na perspectiva de uma socioeconomia solidária, das comunidades de uma amorosa vida sustentável e de profundo respeito pela natureza, de uma educação humanista e emancipatória, pensar e praticar a partilha do amor através de realizações concretas e bastante realistas de escolhas de vida, de gestos interativos e de ações sociais. Diante da racionalidade utilitária de um mundo que em todos os planos da vida nos coloniza a partir da ilusão de que, como quer que ele seja, ele é “o único possível”, podemos nos sentir convocados não a uma outra pura racionalidade, o que viria a ser uma outra ilusão. Podemos nos sentir convocados a criar pouco a pouco uma resposta que brote do todo da pessoa humana, a partir da escolha de uma outra vida, regida pelo exato oposto do que nos é imposto.

5. Justiça, o nome da Paz

Mas para que haja Paz é preciso haver justiça.

Quase todos os estudos que nos propõem um voo dos modelos clássicos de pensamento e de criação de saberes em direção aos paradigmas emergentes, acabam sugerindo escolhas de sistemas de vida ainda parciais e pouco corajosos

no que toca uma verdadeira transformação não apenas de nossas mentes, mas do todo de nossas pessoas. Não precisamos aprender apenas a pensar de maneira diferente. Se permanecermos ancorados num esmo sistema de vida que ainda tem as suas raízes e as suas asas aprisionadas na lógica, na ética e nos falsos devaneios do mundo dos negócios, a diferença entre eles e os “velhos pensamentos” acabará por ser muito pequena.

Este é o motivo pelo qual, entre todos os proponentes conhecidos de novos modelos de pensamento, eu me sinto bastante próximo a Boaventura de Souza Santos. Mais do que todos os outros que conheço, ele lembra com insistência que toda a ciência serve à felicidade humana e todo o conhecimento que não transforma vidas e mundo em direção a ela, é pouco mais do que uma velha e cansada indolência acadêmica. Todo o trabalho de um pensamento que não queira desaparecer nele mesmo, deveria desaguar na criação de alternativas de criação de experiência humanas do que Boaventura de Souza Santos chama de: “uma vida digna e decente”. Assim sendo, todo o pensamento crítico é também, a seu modo, um pensamento utópico. Um pensamento que seja capaz de unir pessoas vocacionadas e “recuperar a esperança” de que a utopia humana não é o irrealizável, mas apenas o irrealizado. Pois se somos nós quem construímos e “desconstruímos” não apenas os nossos velhos sistemas de idéias, mas os mundos sociais que os suportam, cabe também a nós o trabalho fecundo de semear, aqui e ali, as realizações locais e expandíveis das alternativas utópicas que transformem em direção a algo mais humano e mais feliz tanto as nossas idéias sobre o mundo quanto os mundos reais que as criam.

Recuperar a esperança significa, neste contexto, alterar o estatuto da espera, tornando-o simultaneamente mais activa e mais ambígua. A utopia é, assim, o realismo desesperado de uma espera que se permite lutar pelo contudo da espera, não, em geral mas no exacto lugar e tempo em que se encontra. A esperança não reside, pois, num princípio geral que providencia por um futuro geral. Reside antes na possibilidade de criar capôs de inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e lugares excepto naqueles em que ocorreram efectivamente. É este o realismo utópico que preside às iniciativas dos grupos oprimidos que, num mundo onde parece ter desaparecido a alternativa, vão construindo, um pouco por toda a parte, alternativas locais que tornam possível uma vida digna e decente²¹.

²¹ Está na página 34 de *a crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*, publicado pela Editora Cortez, de São Paulo, em 2001, em minha versão da 3ª edição.

